

Orquestra Gulbenkian

Benjamin Shwartz
Roger Muraro



15 JUNHO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Jubileu há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Musical Center of Lisbon, for Home Culture.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Orquestra Gulbenkian

Benjamin Schwartz Maestro

Roger Muraro Piano

Anna Thorvaldsdottir
Aeriality

Vasco Mendonça
Step Right Up *
para piano e orquestra

- I. *Joyful, celebratory*
- II. *Nostalgic, somewhat desperate*
- III. *Like a slow procession*

INTERVALO

Mason Bates
Anthology of Fantastic Zoology

- Forest: Twilight* –
- Sprite*
- Dusk* –
- The A Bao A Qu*
- Nymphs*
- Night* –
- The Gryphon*
- Midnight* –
- Sirens* –
- The Zaratan* –
- Madrugada*

Duração total prevista: c. 1h 40 min.
Intervalo de 20 min.

* Estreia absoluta - Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito SP-LX – Música contemporânea do Brasil e de Portugal

Anna Thorvaldsdottir

Reiquiavique, 11 de julho de 1977

Aeriality

COMPOSIÇÃO: 2011

ESTREIA: Reiquiavique, 24 de novembro de 2011

DURAÇÃO: c. 13 min.



ANNA THORVALDSDOTTIR © SAGA SIGURDARDÓTTIR

Aeriality é uma obra composta por vastas texturas de som combinadas – e contrastadas – com várias formas de material lírico. *Aeriality* refere-se ao estado de planar com pouco ou nada a que se agarrar – como se voasse – e a música retrata o sentimento de liberdade absoluta ganha pelo desprendimento e pela sensação de inquietação gerada por essa mesma circunstância. O título retira a sua essência dos diversos aspetos do significado da palavra “aéreo”, e refere-se à inspiração visual providenciada por uma tal panorâmica. *Aeriality* é também um jogo de palavras, combinando as palavras *aerial* (“aéreo”) e *reality* (“realidade”), de modo a sugerir dois mundos diferentes: *reality*, o solo, e *aerial*, o céu ou o intocável.

Partes da obra consistem em densos *clusters* de sons que vão formando uma unidade à medida que os instrumentos da orquestra se juntam numa força única – uma massa de som. A noção dos instrumentos individuais é de certa maneira esbatida e a orquestra torna-se num corpo único em movimento, embora formando, por vezes, camadas de materiais que fluem entre diferentes grupos instrumentais. Estas camadas cromáticas de materiais são alargadas pela

utilização de quartos de tom de modo a gerar vastas texturas sonoras. No seu clímax musical, a lenta acumulação de um enorme oceano de quartos de tom é depois libertada num breve momento lírico que, no pico da sua própria urgência, quase se desvanece de imediato, permanecendo apenas como uma sombra.

Anna Thorvaldsdottir

A compositora islandesa Anna Thorvaldsdottir tem-se distinguido pelo seu trabalho com estruturas sonoras que tendem a revelar a presença de uma grande variedade de materiais sonoros sustentados, refletindo a sensibilidade da compositora para a audição e representação imaginativa da natureza. A sua música tende a retratar um fluxo sonoro contínuo, mas com uma enigmática atmosfera lírica subjacente. Thorvaldsdottir estudou composição na Universidade da Califórnia, em San Diego. Em 2012 recebeu o Prémio do Conselho Nórdico da Música pela sua obra orquestral *Dreaming*. Atualmente, é compositora residente da Orquestra Sinfónica da Islândia.

Vasco Mendonça

Porto, 7 de março de 1977

***Step Right Up*, para piano e orquestra ***

COMPOSIÇÃO: 2018

ESTREIA ABSOLUTA

DURAÇÃO: c. 20 min.



VASCO MENDONÇA © ROLEX - HUGO GLENDINING

A imagem de um pianista sentado à frente dos músicos de orquestra é uma imagem estranha: partilha o mesmo espaço que aquela extraordinária mancha humana, mas separado por uma forma preta inerte, uma espécie de barreira física e simbólica. Nunca estando exatamente no mesmo sítio, domina o espaço e é ameaçado por ele.

Com o seu instrumento passa-se algo de semelhante: tem uma relação com a orquestra, mas não há uma verdadeira intimidade – é como uma relação de cerimónia. Mas também uma relação de poder: pelo seu volume sonoro, âmbito, agilidade e resposta dinâmica, o piano é também o instrumento mais próximo da orquestra. Se a orquestra é uma esplêndida e caleidoscópica caixa de música, o piano é, seguramente, a mais deslumbrante máquina de som. A palavra “máquina” é importante: na imensidão de coisas que um piano pode ser, a precisão e clareza de uma máquina é a metáfora adequada para o instrumento; um mecanismo de acolhimento de mundos tão diversos como o da ornamentação barroca ou os rituais de sinos africanos. Materiais que acabaram por definir o caráter dos três andamentos (áspero e extrovertido; interior e crepuscular;

processional e ondulante), procurando sempre em cada um deles um equilíbrio diferente entre piano e orquestra, uma relação dramática instável entre quase iguais.

Vasco Mendonça

A música de Vasco Mendonça tem sido interpretada por grupos como AskolSchönberg, Nieuw Ensemble, Axiom Ensemble, Remix Ensemble, International Contemporary Ensemble, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica do Porto e Drumming. As suas obras têm sido tocadas em importantes festivais – Aix-en-Provence, Aldeburgh, Verbier, Helsínquia, Estrasburgo – e em salas como Philharmonie de Paris, Lincoln Center, Het Concertgebouw, La Monnaie, Elbphilharmonie, Concertgebouw Brugge, Kölner Philharmonie, de Singel ou Mousonturm Frankfurt. Colaborou também com companhias de teatro musical como Music Theatre Wales, Muziektheater Transparant e LOD Muziektheater. Vasco Mendonça estudou com Klas de Vries e George Benjamin. As suas distinções incluem o Prémio Lopes-Graça e o Rolex Mentor and Protégé Arts Initiative (com Kaija Saariaho).

Mason Bates

Richmond, Virgínia, 23 de janeiro de 1977

Anthology of Fantastic Zoology

COMPOSIÇÃO: 2015

ESTREIA: Chicago, 18 de junho de 2015

DURAÇÃO: c. 30 min.



MASON BATES © DR

Mestre do realismo mágico e de enigmas narrativos, Jorge Luis Borges era o escritor perfeito para criar um compêndio de criaturas mitológicas. A sua transposição musical – uma espécie de psicadélico Carnaval dos Animais – apresenta-se em onze andamentos interconectados. Entre evocações de criaturas familiares (duende, ninfa) e desconhecidas (um animal que é uma ilha), breves “interlúdios florestais” transportam-nos para o coração da noite e da própria floresta. Criaturas imaginárias provocam novos sons e instrumentação, com um foco especial nas possibilidades espaciais que usam diversos solistas. Por exemplo, o “Duende” de abertura saltita de estante em estante, chegando mesmo a sair do palco. O “A Bao A Qu” é uma criatura serpenteante que sobe uma torre; muda gloriosamente de pele no topo e depois desce. Todo o movimento – como o ciclo de vida do animal – é um exato palíndromo. “Ninfas” apresenta dois clarinetes brincalhões, enquanto “O Grifo” usa tímpanos e metais para evocar um leão voador que caça cavalos (neste caso, os violinos). A essência lírica da peça “Sereias” apresenta violinos fora do palco que atraem o resto das cordas, uma por uma, para uma

epifania. Mas dura pouco, já que a ilha da qual se aproximam as devora em “Zaratan”, um animal do tamanho duma ilha evocado por *clusters* de timbres. O final ocorre no momento da hora das bruxas, entre e meia-noite e a “Madrugada”. A obra colapsa sobre si própria à medida que todos os animais se fundem na parte mais profunda e escura da floresta.

Mason Bates

Mason Bates estudou com John Corigliano, David Del Tredici e Samuel Adler. Reconhecido como o mais interpretado compositor da sua geração, foi nomeado *2018 Composer of the Year* pela revista *Musical America*. As suas obras têm sido dirigidas por maestros como Riccardo Muti, Michael Tilson Thomas ou Leonard Slatkin e a sua música sinfónica foi muito bem recebida pela sua integração única dos sons eletrónicos. É atualmente compositor residente no Kennedy Center for the Performing Arts, em Washington. Como DJ e curador, dedica-se também a levar a nova música a novos espaços através de parcerias institucionais e do seu projeto *Mercury Soul*. Compõe também música para o cinema.

Benjamin Shwartz

Maestro



Benjamin Shwartz nasceu em Los Angeles. Estudou com o pianista e maestro Christoph Eschenbach no Curtis Institute of Music, em Filadélfia. Foi Maestro Residente da Sinfônica de São Francisco e Diretor Musical da orquestra NFM Filharmonia Wroclawska (2013-2016). É maestro do *Mercury Soul*, um projeto que cruza os domínios acústico e digital e que fundou em parceria com o compositor Mason Bates e com a artista plástica Anne Patterson. O âmbito do seu repertório reflete um espírito aberto e abrangente, incluindo obras como a 4.ª Sinfonia de Mahler, a *Chamber Symphony* de J. Adams, a 2.ª Sinfonia de Brahms, ou *O Castelo do Barba Azul* de Bartók. Em 2015 liderou uma digressão de *Age of Anxiety*, um projeto desenvolvido em colaboração com o escultor, pintor e cenógrafo Alexander Polzin. Ativo também no domínio da ópera, dirigiu *O Morcego* (J. Strauss) e *La bohème* (Puccini) na Ópera Real Sueca, *Béatrice et Bénédicte* (Berlioz) no Deutsches Nationaltheater und Staatskapelle Weimar, *La sonnambula* (Bellini), *Il viaggio a Reims* (Rossini) e *Fausto* (Gounod) no Curtis Institute of Music. Em 2016 dirigiu *Candide*, de Bernstein, na sua estreia na Ópera de Colónia. Como maestro convidado, dirige regularmente orquestras como a Filarmónica Real de Estocolmo, a Filarmónica de Los Angeles, a Sinfónica Escocesa da BBC, a St. Paul Chamber Orchestra, a Orquestra Nacional de Lille ou as Sinfónicas da Islândia, de Gotemburgo e de Tóquio. Dirigiu a Orquestra Gulbenkian em 2015, tendo regressado em 2016.

Roger Muraro

Piano



Descendente de uma família veneziana, Roger Muraro nasceu em Lyon em 1959, cidade onde começou a tocar saxofone e piano. Aos 19 anos ingressou na classe de Yvonne Loriod no Conservatório de Paris. Durante alguns anos, estudou também com Éliane Richepin. Foi premiado no Concurso Tchaikovsky de Moscovo e no Concurso Liszt de Parma. Nessa altura conheceu Olivier Messiaen, vindo a tornar-se num dos principais intérpretes da música do compositor francês, incluindo a gravação de uma integral das peças para piano solo, projeto que concluiu em 2001. As suas interpretações de *Vingt Regards sur l'enfant Jésus* e de *Catalogue d'oiseaux*, tocadas de memória, constituem não só um feito prodigioso, mas também uma apropriação íntima das peças de Messiaen, com as quais se identifica. Roger Muraro possuiu uma apurada técnica, mas as suas capacidades são invariavelmente colocadas ao serviço da expressão poética e da sinceridade musical. Aborda também com grande eloquência as obras de Mussorgsky, Ravel, Albéniz, Rachmaninov, Debussy, Beethoven, Chopin, Liszt ou Schumann, compositores de cuja música extrai uma gama completa de emoções, cores e atmosferas sonoras. Apresenta-se nas principais salas de concertos a nível internacional, colaborando com maestros de renome e prestigiados agrupamentos. Músico eclético e de mente aberta a um mundo musical sem fronteiras, transmite atualmente a sua experiência como pianista e pedagogo no Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris.

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA - MÀRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea.

Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian

realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas.

No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir da temporada 2018-2019, o maestro Lorenzo Viotti assumirá as funções de Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian e o maestro Giancarlo Guerrero as funções de Maestro Convidado Principal.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Maaria Leino *Concertino Principal* *
Francisco Lima Santos
1.º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2.º Concertino Auxiliar*
Tamila Kharambura *2.º Concertino Auxiliar* *
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
João Castro *
Tomás Costa *
Ana Sibila *
Nelson Gomes *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1.º Solista*
Jordi Rodriguez *1.º Solista*
Cecília Branco *2.º Solista*
Stephanie Abson
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Félix Duarte *
Miguel Simões *
Mafalda Vilan Pires *
Mafalda Rodrigues *
Ana Sousa *
David Ascensão *

VIOLAS

Samuel Barsegian *1.º Solista*
Lu Zheng *1.º Solista*
Isabel Pimentel *2.º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Paul Tulloch *
Artur Mouradian *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1.º Solista*
Marco Pereira *1.º Solista*
Martin Henneken *2.º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Fernando Costa *
Lara Ariznabarreta *

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1.º Solista*
Domingos Ribeiro *1.º Solista*
Manuel Rego *2.º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Miguel Menezes *

FLAUTAS

Cristina Ánchel *1.º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *2.º Solista*
Ana Filipa Lima *2.º Solista* *

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1.º Solista*
Nelson Alves *1.º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2.º Solista*
Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1.º Solista*
Iva Barbosa *1.º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2.º Solista*
Clarinete baixo
Rui Martins *2.º Solista* *

FAGOTES

Ricardo Ramos *1.º Solista*
Vera Dias *1.º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2.º Solista*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1.º Solista*
Kenneth Best *1.º Solista*
Eric Murphy *2.º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade
2.º Solista
André Gomes *2.º Solista* *

TROMPETES

Adrian Martinez *1.º Solista*
Paulo Carmo *1.º Solista Auxiliar* *
David Burt *2.º Solista*

TROMBONES

Sérgio Miñana *1.º Solista* *
Rui Fernandes *2.º Solista*
Pedro Canhoto *2.º Solista*

TROMBONE BAIXO

Alexandre Vilela *2.º Solista* *

TUBA

Amílcar Gameiro *1.º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1.º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2.º Solista*
Tiago Ferreira *2.º Solista* *
Vitor Castro *2.º Solista* *
Tomás Rosa *2.º Solista* *

PIANO / CELESTA

Inês Mesquita *1.º Solista* *

HARPA

Carolina Coimbra *1.º Solista* *

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

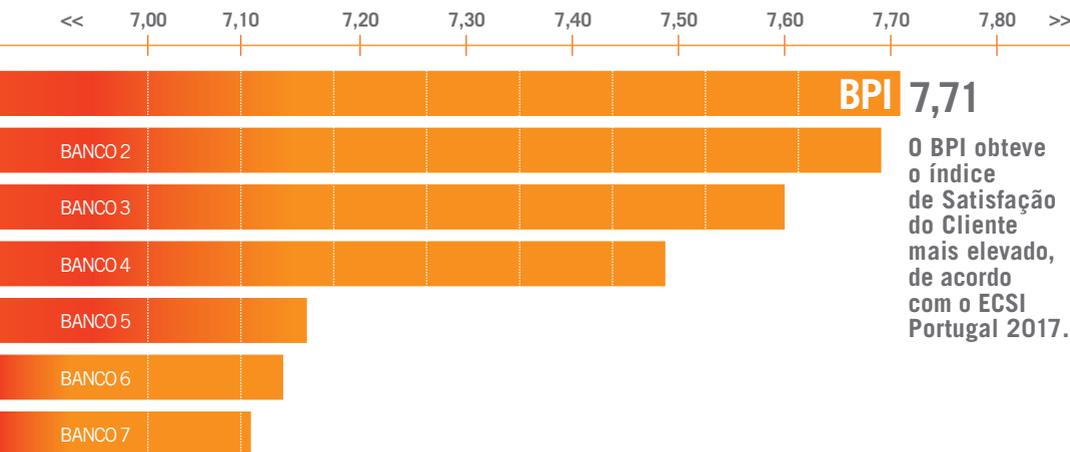
Américo Martins
Marta Andrade
Inês Rosário
Leonor Azedo
Raquel Serra
Guilherme Baptista

Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA *Information Management School* da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
400 exemplares

Lisboa, Junho 2018

